



Da arte rupestre da Escócia.

Joana Valdez-Tullett | Historic Environment Scotland |
CEAACP - Universidade de Coimbra



Fig. 1 – Exemplo de arte rupestre em afloramentos de ar livre em Grange (Kircudbright, Dumfries and Galloway), no sudoeste da Escócia.

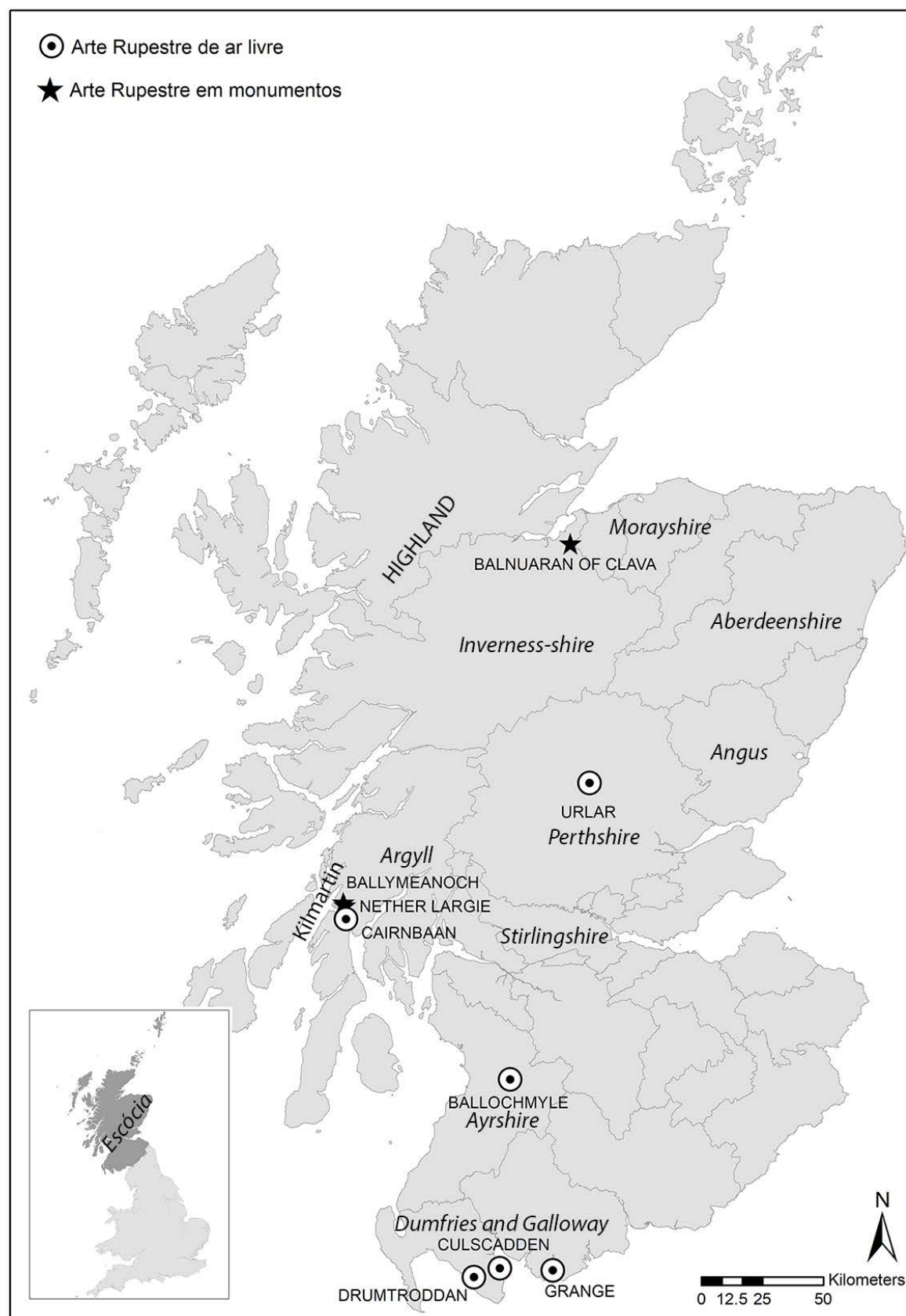


Fig. 2 – Mapa administrativo da Escócia, com referência às áreas mencionadas no texto.

A tradição de arte rupestre, que em Portugal e Espanha é conhecida como Arte do Noroeste (e.g. Baptista 1983-84), ou Petróglifos Galegos (e.g. Peña-Santos e Vázquez-Varela 1979) e, de forma mais abrangente, como Arte Atlântica (MacWhite 1951; Bradley 1997), estende-se sobre vastas paisagens da Europa Ocidental. Círculos concêntricos, covinhas, espirais, meandriiformes e outros, foram gravados em afloramentos e blocos rochosos de ar livre, também nas Ilhas Britânicas e Irlanda. (Fig. 1). Este breve artigo incide sobre a arte rupestre pré-histórica da Escócia (Fig. 2).

Fig. 3 (página ao lado) – Cairnbaan é uma das rochas gravadas mais emblemáticas da Escócia. Localizada na conhecida zona de Kilmartin, é frequentemente incluída em projectos de investigação.



Breve historiografia

A historiografia da Arte Atlântica é longa. Na Escócia as primeiras referências a rochas gravadas datam do século XVIII, embora sejam esporádicas. É em 1830 que Archibald Currie publica o primeiro relato mais detalhado do famoso afloramento de Cairnbaan (Kilmartin, Argyll) (Fig. 3), sucedendo-se outros artigos, nomeadamente acerca dos menires de Nether Largie e Ballymeanoch, todos situados na conhecida zona de Kilmartin (Argyll), bem como outras rochas descritas como “profusely covered with the enigmatic circular motifs”¹ (Greenwell 1866: 337-8). Na década de 1860, James Simpson, um obstetra aristocrata conhecido por descobrir as propriedades anestésicas do clorofórmio, publicou o primeiro inventário sistemático de arte rupestre escocesa, do qual constam 77 sítios (1866, 1867). Simpson conduziu extenso trabalho de campo e produziu registos minuciosos dos seus achados, com longas descrições e ilustrações que incluíam elementos da paisagem. Ao contrário da tendência da época, Simpson procurava contextualizar a arte rupestre, registando a geologia e topografia local, bem como a relação espacial das gravuras com outros monumentos. Não obstante este trabalho influente, só nas décadas de 1960 e 1980 se conhece um trabalho mais sistemático de arte rupestre. Ronald Morris conduz um extensíssimo programa de prospeção direcionada para a arte rupestre, da qual resultam vários catálogos publicados que compreendem centenas de rochas (Morris 1977, 1979, 1981, 1989). A obra de Morris foi complementada pelo extenso trabalho de Maarten van Hoek (e.g. 1986, 1989, 1995). A atenção dada à paisagem e algumas das suas análises preliminares influenciaram a abordagem de Richard Bradley à arte rupestre (e.g. 1997), cuja ênfase na Arqueologia da Paisagem domina ainda hoje as abordagens científicas ao tema.

O inventário de arte rupestre na Escócia mantém-se em crescimento. Na década de 1990 o instituto da tutela levou a cabo prospeções sistemáticas que identificaram centenas de rochas nas regiões interiores de Perthshire e Stirlingshire. É também digno de nota o interesse de cidadãos, arqueólogos amadores, como por exemplo George Currie, que na última década identificou mais de 700 rochas gravadas.

Não obstante o grande número de rochas conhecidas, continuam por responder várias perguntas básicas, e nas últimas décadas tem-se verificado alguma preocupação com uma definição mais precisa da cronologia destas gravuras, através de estudos de contexto e escavações arqueológicas (e.g. Bradley *et al.* 2012; Jones *et al.* 2011), mas também abordagens que pretendem investigar as relações de intercâmbio entre várias regiões da Europa Ocidental e o papel da arte rupestre nas redes de conectividade pré-histórica (e.g. Valdez-Tullett 2019).

¹ Tradução da autora: “profusamente cobertas com enigmáticos motivos circulares”.

Fig. 4 (página ao lado) – Bloco gravado com covinhas e círculos com covinha central utilizado na carapaça lítica de um dos monumentos funerários conhecidos como Clava Cairns em Invernesshire, no norte da Escócia. Achados como este serviram para, inicialmente, situar a cronologia da arte rupestre na Idade do Bronze, embora actualmente esta tenha sido revista e adjudicada ao Neolítico.



À semelhança de outras regiões europeias, várias técnicas de gravação foram aplicadas na criação desta arte rupestre, incluindo a picotagem e a abrasão. O motivo mais emblemático desta tradição é o círculo concêntrico com covinha central, frequentemente acompanhado de covinhas, sulcos meandriformes, rosetas, “keyholes”, formas geométricas sub-rectangulares e quadrangulares, algumas espirais. Contudo, a iconografia é, sem dúvida, dominada pela covinha que surge ora isolada ora em agrupamentos, de forma linear ou em articulação com outras figuras. Apesar da uniformidade das gravuras, os motivos e suas configurações sofrem variações que denotam preferências regionais. (Fig. 5). Por vezes as composições parecem obedecer a um design específico, com os motivos adossados uns aos outros, enquadrados entre fissuras e tirando partido de outros elementos naturais como os limites das rochas. (Fig. 6). A recente aplicação do registo 3D à Arte Atlântica tem revelado sobreposições de motivos (Valdez-Tullett, 2019), uma tendência confirmada pelo estudo sistemático da arte rupestre, implementado no âmbito do Scotland’s Rock Art Project (ScRAP).

Fig. 5– Como noutras regiões europeias onde existe Arte Atlântica, também na Escócia a iconografia é dominada pela simples covinha. Estas depressões arredondadas surgem por vezes isoladas, em conjuntos, ou associadas a outros motivos. Embora os tamanhos variem, há uma certa consistência nos seus diâmetros. Em algumas situações pequenas depressões naturais são aproveitadas ou transformadas em covinhas. Na fotografia vê-se um exemplo de dois alinhamentos paralelos de covinhas (Aberfeldy, Perth and Kinross).



Sensibilização, salvaguarda, registo e investigação



O recente projecto de Arqueologia Pública, Scotland's Rock Art Project (ScRAP), tem como objetivo o estudo e registo da arte rupestre pré-histórica do país. Através de uma metodologia sistemática e a colaboração de vários grupos de voluntários, mais de mil rochas foram já documentadas, inclusivé através de modelos tridimensionais. Toda a informação está disponível online (www.rockart.scot). A facção pública do projecto tem sido essencial na criação de mecanismos de salvaguarda da arte rupestre. O trabalho de uniformização dos dados é fundamental para o desenvolvimento de um estudo detalhado da arte rupestre, que tem vindo a revelar gravuras em novas zonas, pormenores acerca dos modos de fazer e relação com outros tipos de sítios arqueológicos. Este estudo é essencial para contextualizar a arte rupestre na narrativa pré-histórica da Escócia, mas também da Europa ocidental.

Fig. 6– A Arte Atlântica é uma simbiose entre motivos e o suporte rochoso em que estes são criados. Embora aos nossos olhos modernos as composições possam parecer aleatórias, os designs são frequentemente ajustados e adaptados à superfície incorporando elementos naturais como covinhas, fissuras, depressões, as margens das rochas. No caso da fotografia (Culscadden, Dumfries and Galloway), a parte mais estreita de um pequeno painel sub-triangular raso ao solo foi utilizado para gravar um grande círculo com múltiplos anéis, ao qual foi adossado um outro de menores dimensões. Os limites da rocha foram sem dúvida tidos em consideração, sendo que os motivos se encontram completos e ajustados ao suporte.

BIBLIOGRAFIA

Baptista, A. M. 1983-1984. Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*, IV-V, pp. 71-82.

Bradley, R. 1997. *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe: Signing the Land*. London: Routledge.

Bradley, R.; Watson, A.; Anderson-Whymark, H. 2012. Excavations at four prehistoric rock carvings on the Ben Lawers Estate, 2007-2010. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, vol. 142, pp. 27-61.

Fábregas-Valcarce, Ramón; Rodríguez-Rellán, C. (2012) Images in their Time: new insights into the Galician petroglyphs, in Jones, A. M.; Pollard, J.; Allen, M. J.; Gardiner, J. (ed.) *Image, Memory and Monumentality. Archaeological engagements with the material world*. Oxford: Oxbow Books, pp. 249-259.

Greenwell, W. 1866. An account of excavations in cairns near Crinan. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, vol. 6, pp. 336-51. van Hoek, M. A. M. 1986. The prehistoric rock art of Galloway. *Transactions of the Dumfriesshire and Galloway Natural History and Antiquarian Society*, LXI, pp. 20-40.

van Hoek, M. A. M. 1989. Survey: cup-and-ring marked stones. Kircudbright Parish. *Discovery and Excavation in Scotland*.

van Hoek, M. A. M. 1995. Morris' Prehistoric Rock Art of Galloway. Privately Published.

Jones, A. M; Freedman, D.; O'Connor, B.; Lamdin-Whymark, H.; Tipping, R.; Watson, A. (2011) *An Animate Landscape. Rock Art and the Prehistory of Kilmartin, Argyll, Scotland*. Oxford: Windgather Press.



MacWhite, E. 1951. *Estudios sobre las relaciones Atlanticas de la peninsula Hispanica en la Edad del Bronce*. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre.

Morris, R. (1977) *The Prehistoric Rock Art of Argyll*. Poole, Dorset: Dolphin Press. Morris, R. (1979) *The Prehistoric Rock Art of Galloway and the Isle of Man*. Poole, Dorset: Blandford Press.

Morris, R. (1981) *The Prehistoric Rock Art of Scotland (except Argyll and Galloway)*. Oxford: BAR/Archaeopress.

Morris, R. (1989) The prehistoric rock art of Great Britain: a survey of all sites bearing motifs more complex than simple cup marks. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 55, pp. 45–88.

O'Connor, B. (2006) *Inscribed landscapes: contextualising prehistoric rock art in Ireland*. Tese de Doutoramento apresentada à University College Dublin.

Peña-Santos, A. de la; Vázquez-Varela, J. M. (1979) *Los Petroglifos Gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia. Cuadernos. A Coruña: Edicions do Castro*.

Simpson, J.Y. 1866. On ancient sculpturings of cups and concentric rings, etc. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, vol. 6, Appendix, pp. 1-471. Simpson, J.Y. 1867. *Archaic Sculpturings of Cups, Circles etc upon Stones and Rocks in Scotland, England etc and other Countries*. Edinburgh: Edmonston and Douglas.

Valdez-Tullett, J. 2019. *Design and Connectivity: the Case of Atlantic Rock Art*. Prehistoric Art Series, vol. 1 BAR, Oxford. Waddington, C. 1998. 'Cup and ring marks in context', *Cambridge Archaeological Journal*, 1, pp. 29–54.

